

PREÇO E QUALIDADE DE VIDA: A CIGARRA TINHA RAZÃO?

ALBERTO ZACHARIAS TORON

E

dgar Morin, com incrível sensibilidade, advertia para o fato de que “estamos passando por um desencanto necessário. Temos que viver num mundo desiludido. Mas o mundo desiludi-

do não é o mundo chão e prosaico dos interesses egoístas: é o mundo que se livrou da estupidez das soluções definitivas, do futuro radioso, do progresso indefinido e infinito: é o mundo estranho, terrível, patético, alucinante em que estamos, em que podemos e devemos arriscar nossas forças de amor, mas não nos falsos messias” (1).

As palavras do pensador francês, ao lado do desencanto com o mundo que nos cerca e da desilusão com ideologias onicompreensivas, remetem-nos para a necessidade de buscarmos um novo padrão de organização social. Uma sociedade estruturada sob o modelo concorrencial, regida exclusivamente pelas leis do mercado, onde só se reconhecem os custos e a questão fundamental torna-se saber “quanto custa um idoso, um deficiente, uma criança”(2), não apenas tem gerado um largo contingente de excluídos, mas mesmo dentro daquele estrato que consegue usufruir das benesses da produção industrial e tecnológica,

ALBERTO ZACHARIAS TORON é advogado criminalista, professor de Direito Penal da PUC-SP e ex-presidente do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais.

As Reflexões Tardias do Prof. Borg, de Rubens de Campos Filho, São Paulo, Negócio, 1996.



Victor Sjöström, (o prof. Borg), em *Morangos Silvestres*, de Bergman

verifica-se que “o aumento dos bens materiais desperta necessidades afetivas profundas que, reprimidas/controladas na civilização tradicional, tornaram-se errantes e divagantes”(3).

Num país que tem grande parte de sua população imersa na miséria, vivendo as agruras da fome, pode até parecer existir um desfocamento dos reais problemas da sociedade quando se tematizam as angústias pessoais decorrentes dos bens materiais. Desfocamento que, no entanto, é apenas aparente porque, na verdade, numa época em que a ideologia da *affluent society* contagia a todos, não se pode desprezar o fato de que os contingentes marginalizados tenham internalizados os modelos de ascensão dominantes. Assim, o questionamento do sucesso a qualquer preço vale não apenas para os estratos mais bem postos, mas se apresenta como uma necessidade que atinge, em maior ou menor grau, a todos.

Acordar para o fato de que o “mal-estar na modernidade” (4) atina com a idéia de que o desenvolvimento econômico deu-se sem o correspondente desenvolvimento humano é justamente o que fez Rubens de Campos Filho em *As Reflexões Tardias do Prof. Borg*. Identificando uma série de mudanças nas regras e comportamentos que se processam num ambiente muito mais competitivo e inseguro, os profissionais “se vêem obrigados a uma dedicação cada

1 *Para Sair do Século XX*, tradução de Vera de Azambuja Harvey, São Paulo, Nova Fronteira, 1986, p. 80.

2 Olgária Matos, em esplêndido artigo no jornal *O Estado de S. Paulo* intitulado “Espaço Público e Tolerância Mestiça”, afirma que “a redução do humano ao ‘quanto custa’ só pode ocorrer no empobrecimento espiritual das democracias, cujo vazio passa a ser preenchido pelos valores da hierarquia competitiva da burocracia empresarial, de maneira que o dirigente deseja ser reconhecido como um ganhador cujo maior medo é ser etiquetado como perdedor”.

3 E. Morin, op. cit., p. 71.

4 A expressão é tomada de empréstimo do notável pensador Sérgio Rouanet que, sob esse título, brindou-nos com um magnífico ensaio em que constata a ausência de alternativas (“o ocaso de paradigmas”) expresso naquilo que reputa ser “mais que um fenômeno transitório, uma verdadeira crise de civilização” (*Mal-estar na Modernidade*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p. 9).

vez mais absorvedora às suas empresas, com imensos reflexos nas suas vidas pessoais e mesmo com prejuízos ao seu rendimento profissional” (5). Não é por outra razão que são crescentes os casos em que se detecta um desequilíbrio entre as funções afetivo-intelectual-sociais, o que, no extremo, leva o indivíduo ao suicídio ou a uma desintegração da vida pessoal e social.

Ainda que tal constatação possa ser aplicada precipuamente aos profissionais liberais, empresários, executivos de nível médio e alto, pois noutros escalões a luta se dá pela própria sobrevivência, não se pode desprezar a circunstância de que todos são atingidos pela excessiva carga competitiva, a qual, não raro, impõe a trabalhadores braçais extenuantes jornadas de trabalho ou mesmo ativa uma desunião em torno de reivindicações sindicais, já que sempre há os que se aproveitam para alçar vôos enquanto outros se colocam em confronto com os patrões (6).

Portanto, falar em qualidade de vida envolve desde os aspectos ligados à possibilidade de se ter acesso a bens fundamen-

tais à sobrevivência, como também a situações ligadas à vida associativa e, nesta, a solidariedade. Mais do que isso, envolve o que esperamos fazer com nós mesmos enquanto projeto de vida.

Durante muito tempo veiculou-se a idéia de que o grande ideal na existência seria a acumulação de dinheiro e, com isso, se conseguiria alcançar paz e felicidade. Ideal acalentado, sem o menor questionamento, sobretudo por imigrantes e seus filhos, revelou-se enganoso. Não só porque riqueza e felicidade não representam um binômio inseparável, mas porque, muito comumente, aquela é conquistada à custa desta. Exemplo típico disso é o que se dá com os *workaholics*, que eliminam do seu vocabulário palavras como reuniões sociais, amigos, *hobbies*, férias e outras desse universo. Vezes há em que muito se faz por pura necessidade de ostentação. Como alerta Rubens de Campos Filho, “poderia existir felicidade para pessoas que, no afã de comprar um carro novo por pura ostentação, chegam inclusive a se endividar, passando a carregar dentro de si uma infelicidade la-

5 *As Reflexões Tardias do Prof. Borg*, p. 15.

6 Sobre o tema é imperdível a leitura de *Greve na Fábrica*, de Robert Linhart (tradução de Miguel Arraes, São Paulo, Paz e Terra, 1986).

Bergman com sua filha Lena e Victor Sjöström durante as filmagens de *Morangos Silvestres*



tente, permanente, apenas para competir – e de forma inadequada – com colegas, amigos, superiores?” (7).

Há, para os incrédulos, partidários da idéia de que “dinheiro não traz felicidade, compra”, um sem-número de exemplos de pessoas que, trabalhando incessantemente, embarcaram na viagem do “sucesso a qualquer preço” e se viram detonadas ou por sintomas de ansiedade crescente, fobias e medos, ou mesmo por doenças psicossomáticas como problemas de digestão, úlceras e até cardíacos. Até mesmo no campo objetivo da produtividade começa a se perceber que *ganhar é perder*. Veja-se o caso do escândalo da “vaca louca”. O que produziu essa nova doença, alerta Edgar Morin, “foi a obsessão quantitativa de produtividade do mercado. As vacas deixaram de ser seres biológicos, para transformar-se em objetos. Assim, quando tudo se passou, houve uma inversão completa: menos era melhor. Quem produzia em menor escala venceu a briga no mercado” (8).

Recomprou o difícil equilíbrio entre vida

saudável e adequadas condições materiais passa pela necessidade de repor no nosso horizonte coisas simples, mas essenciais, como resgatar as amizades, retornar aos *hobbies*, ao lazer e saber, enfim, tornar o não-fazer um momento de tranquilidade para a mente, dando condições para que o afetivo venha à tona. Implica em examinar e estudar a trama de nossa existência. Perceber que em larga medida tratamo-nos da mesma forma pela qual a natureza foi atacada. De uma forma irrefletida, como se fôssemos ilimitados. Esse grito de alerta lançado pelos ecologistas, no que diz respeito à nossa própria vida, deveria repercutir em cada um de nós de modo a impor a qualidade de vida como um objetivo central. O grito de alerta lançado nas sábias, embora tardias, *reflexões do Prof. Borg*, traz consigo o feliz enlace entre as condições sociais de existência de nossa era dita pós-moderna e o bem-viver expresso numa harmonia entre o intelectual, o afetivo e o social. Afinal, rico, como expressa a *Cabala do Dinheiro* (9), é aquele “que deriva paz de espírito da sua fortuna”.

7 *As Reflexões Tardias do Prof. Borg*, p. 126.

8 “Morin Alerta para a Falta de Solidariedade”, in *O Estado de S. Paulo*, 28/6/97, p. D-9.

9 Nilton Bonder, São Paulo, Imago, 1991, p. 34.



Victor Sjöström
e Ingrid Thulin